



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ICHS/DHIST - Departamento de História
Programa de Educação Tutorial em História (PET-HISTÓRIA)
Tutora: Professora Dra. Adriana Barreto de Souza



Seminário de Literatura e História do PET-HISTÓRIA-UFRRJ

Discente: *Natally Chris da Rocha Menini*

Resenha sobre o conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis

O conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis está inserido na chamada fase realista machadiana, sendo publicado em 1906 no livro *Relíquias da Casa Velha*. O conto, narrado em terceira pessoa, se passa no Rio de Janeiro, nos tempos do Império. Tem como pano de fundo o cenário escravista do oitocentos brasileiro, embora tenha sido escrito pelo autor na conjuntura histórica do pós-abolição.

A obra pode ser organizada em três partes. A primeira contendo relatos do autor sobre aspectos presentes nas práticas de escravidão, reforçando o lado grotesco desse sistema. A segunda com a inserção da história do casal Cândido e Ana e os conflitos sociais vivenciados pelos mesmos. A terceira com a retomada dos aspectos da escravidão com ênfase na captura da escrava Arminda e na perda de seu filho.

Inicia-se a obra com o narrador situado no tempo presente, em 1906, falando do recente passado escravista brasileiro. Antes de narrar a história propriamente dita, o autor introduz uma reflexão crítica sobre alguns mecanismos utilizados nas práticas de escravidão instituídas no Brasil. Tratam-se de “alguns ofícios e aparelhos” utilizados pelos proprietários para assegurar a ordem social vigente naquele período. Nessa perspectiva, Machado de Assis faz menção ao “ferro ao pescoço”, ao “ferro ao pé” e à “máscara de folha de flandres” como aparelhos a que recorriam os proprietários para controlar seus escravos e impedir a fuga dos mesmos. Sem esconder o teor crítico de sua reflexão sobre os aparelhos da escravidão, o autor afirma que “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”.

Machado de Assis também destaca a frequência da fuga de escravos como fenômeno presente na segunda metade do oitocentos. O autor aponta que estes buscavam escapar dos maus tratos físicos e morais recebidos: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada.” Nesses termos, o autor relaciona a fuga dos escravos a um ofício específico

daquele tempo: o de capturador de escravos fujões. Sobre esse ofício, o autor aponta o seu desprestígio social, uma vez que

Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem. (ASSIS, 1906, 4-5)

O conto que passa a ser narrado pelo autor, após seus relatos iniciais, apresenta como personagens centrais Cândido Neves, um capturador de escravos e Arminda, uma escrava fugitiva.

Em resumo, Cândido Neves, casado com a jovem Clara, torna-se, por falta de outra opção, caçador de escravos fujões. A gravidez de Clara, as dívidas, o despejo da casa onde moravam e a posterior ameaça de perder, para a Roda dos enjeitados, o filho recém-nascido, levam Cândido a procura da escrava Arminda, cuja captura lhe valeria cem mil-réis. Sem sucesso na captura, Cândido, pressionado pela miséria que lhe assombrava, resolveu, não sem sofrimento, entregar o filho à roda dos enjeitados.

Justamente na noite em que estava a caminho da entrega do filho, pelos becos e ruas do centro do Rio de Janeiro, Cândido encontrou a valiosa escrava fugida. Vendo na recompensa pela captura, a esperança de criar seu filho, Cândido demonstra todo o seu lado brutal ao capturar a mulata Arminda, utilizando uma “corda da algibeira” para amarrar a mulher escrava, que, grávida, tenta resistir à captura e suplica-lhe que não a entregue para o seu senhor. Sem demonstrar qualquer compaixão pela escrava grávida, Cândido a arrasta pelas ruas até a casa do seu proprietário. Ao chegar na residência, Cândido é imediatamente recompensado com a quantia prometida, enquanto Arminda, desesperada e ainda resistindo à posse do seu senhor, sofre um aborto espontâneo do filho que tentou proteger ainda no seu ventre. Sem se sensibilizar com a cena, Cândido, ao recuperar o próprio filho, o beija e “entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto”. Em seguida reflete: “ – Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.”

Assim como na ficção machadiana, de fato, nem todas as crianças vingavam no período imperial brasileiro. Em uma sociedade escravista e hierarquizada, grande parte da população livre foi social e economicamente excluída dos quadros hegemônicos. Deste modo, a sobrevivência, muitas vezes, ficou na dependência da roda dos expostos. Quanto à população escrava, mulheres e homens negros foram subjugados física e moralmente por seus senhores brancos, que, no geral, preferiam tirar-lhes a vida a perder poder sobre eles.

Tanto Cândido quanto Arminda fazem parte dessa porção marginalizada da população. O que dá prerrogativas a Cândido Neves é a “superioridade” da ascendência branca e de sua condição social de homem livre, em detrimento de Arminda, mulata e escrava e de sua criança abortada. Assim sendo, o filho dele pode vingar; o dela, não.

Portanto, o conto machadiano em questão, mostra a miséria humana, através dos dramas paralelos de um pai contra mãe no regime escravista brasileiro. O pai, branco, livre e pobre. A mãe, mulata e escrava. Ambos lutam para assegurar a sobrevivência de seus filhos. Porém, nessa luta, o indivíduo é capaz de aplacar sua consciência, mesmo tendo cometido a maior das crueldades, para justificar a troca de uma vida pela outra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Machado de. “Pae contra mãe”. In: *Relíquias de Casa Velha*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro Editor, 1906. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00212100#page/1/mode/1up>